

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CLARCK HAMMER SOARES GARCIA

A hiperssexualização dos negros na indústria pornográfica

Uberlândia/MG

2019

CLARCK HAMMER SOARES GARCIA

**A HIPERSSEXUALIZAÇÃO DOS NEGROS NA
INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA**

Projeto de monografia apresentado ao
Curso de Ciências Sociais do Instituto de
Ciências Sociais da Universidade Federal
de Uberlândia como requisito parcial para
a obtenção do título de Licenciatura e
Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof. Dra. Rafaela Cyrino

Uberlândia/MG

2019

CLARCK HAMMER SOARES GARCIA

A hiperssexualização dos negros na indústria pornográfica

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais Da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção da graduação de bacharel e licenciatura em Ciências Sociais, sob a orientação da Prof.^a. Dr^a Rafaela Cyrino

Prof.^a Dr.^a Rafaela Cyrino

Prof.^a Dr.^a Claudia Wolf Swatowski

Prof.^o Dr.^o Antonio Carlos Lopes Petean

Data Da Defesa: _____

Uberlândia

2019

Aos meus pais que sempre lutaram pelo os meus estudos e acompanharam de perto
minha trajetória.

À Lucas, meu namorado, obrigado pelo apoio e ajuda.

À Larisse, companheira de curso e melhor amiga, obrigado pelos ensinamentos e
parceirinhas durante o curso, sem sua presença hoje não estaria escrevendo essas
palavras.

RESUMO

O presente trabalho procura repassar, acerca de uma análise sociológica, a representação social dos negros – sobretudo o gay negro - perante a sociedade branca capitalista e às mídias sociais, em especial, a pornográfica. Tendo em vista fatores históricos como a escravidão que ajudaram a fortalecer o racismo existente em nossa sociedade, o negro passou a ser representado como uma raça inferior. A partir de análises bibliográficas apresentadas ao longo desse trabalho sobre a escravidão, sexualidade e racismo, pôde-se construir a seguinte pesquisa. Ao realizar minha pesquisa, procurei mostrar em linhas gerais, a construção da representação social do negro desde a era escravocrata até os dias de hoje, mostrando algumas vertentes do racismo e da masculinidade e a forma como o negro é classificado como um ser não-pensante. Com isso, me baseei na pornografia para mostrar qual o papel do negro gay diante essa mídia que o colocava como mais corpo do que mente. Após essas análises da inferioridade dos negros no campo da escravidão, no racismo institucionalizado e na hegemonia do negro na pornografia, pude compreender profundamente a forma do seu corpo ser objetificado e sexualizado, objetificação esta que aprofunda e perpetua de opressão.

Palavras-chave: negro; racismo; hiperssexualização; pornografia; masculinidade

ABSTRACT

The aim of this study is to show, on a sociological analysis, the social representation of black men - however black gay men - before the capitalist white society and social media, especially pornographic ones. Given historical factors such as slavery, that helped strengthen the existing racism in our society, black people came to be represented as an inferior race. From bibliographical analyzes presented throughout this study on slavery, sexuality and racism, the following research could be constructed. In conducting my research, I sought to outline the construction of the social representation of black people from the slave era to the present time, showing some aspects of racism and masculinity and the way black people are classified as a non-thinking being. I relied on pornography to show what the role of the gay black men before this media that put them as more body than mind. After these analyzes of black inferiority in the field of slavery, institutionalized racism and black hegemony in pornography, I was able to understand deeply how their body were objectified and sexualized. This research gives significant insight into how the presence of racism in our society make black heterosexual and homosexual to be sorted as inferior because they belong to a non-white race.

Keywords: black men; hypersexualization; racism; pornography; masculinity

SUMÁRIO

Introdução.....	1
CAPÍTULO I - As representações sociais da sexualidade dos negros na sociedade brasileira	3
CAPÍTULO II - Como a hipersexualização dos negros os coloca representantes da masculinidade gay hegemônica?	8
CAPÍTULO III - Hipersexualização dos Negros na Pornografia gay: Hegemonia Opressora?	23
Conclusão	37
Bibliografia.....	39
Anexos.....	41

Lista De Ilustrações

Tabela 1 - Frases pronunciadas por negros e brancos

Tabela 2 - Frases que mostram a submissão dos brancos (passivos) e a dominação dos negros (ativos)

Figura 1 – Capa de um vídeo pornográfico entre dois brancos

Figura 2 – Capa de um vídeo pornográfico entre dois negros

Figura 3 – Print da manchete da notícia: ‘Cliente é chamado de ‘macaco’ no pedido de lanche: rede fast-food diz que ele é ex-funcionário’

Figura 4 – Foto retirada da notícia: ‘Cliente é chamado de ‘macaco’ no pedido de lanche: rede fast-food diz que ele é ex-funcionário’

Figura 5 – Jogador Aranha sendo xingado por torcedores rivais

Figura 6 – Torcedora gritando a palavra macaco para Aranha

Figura 7 – Torcedora gritando a palavra macaco para Aranha

Lista De Abreviaturas e Siglas

- LGBTQ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Queer
- HQs – História em Quadrinhos
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- CPF – Cadastro de Pessoa Física
- ONU – Organização das Nações Unidas
- TER-MS – Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso do Sul
- PCDF – Polícia Civil do Distrito Federal
- TJ-MS – Tribunal de Justiça do Mato Grosso do Sul
- CNJ – Conselho Nacional de Justiça

Introdução.

Neste trabalho de monografia, buscarei desenvolver uma análise aacerca da representatividade social do negro em relação a pornografia e as mídias sociais, focando em especial, o gay negro. Pretendo mostrar como o racismo opera nesses ambientes reforçando o estereótipo, o preconceito e a exclusão social do negro na nossa sociedade como um todo. Apresentando contextos históricos da escravidão no Brasil e da indústria pornográfica para mostrar o papel social dos homens negros, irei levantar a problemática de como é representado o corpo negro, de acordo com uma pesquisa empírica, centrada nas mídias sociais e corporativas do século XXI.

Através de referenciais teóricos, buscarei destrinchar nessa pesquisa fatores predominantes do século XVII como foi proposto por Gilberto Freyre (1933) ao analisar as relações dos escravos (negros) com seus senhores (brancos). De acordo com o autor, a subordinação braçal; física dos homens negros que chegavam da África fazia com que eles fossem classificados pela sociedade branca patriarcal daquela época, como, primeiramente, objeto e depois humano. Isso quer dizer que antes mesmo dos negros serem vistos como seres humanos, eles eram vistos como objetos que serviam para satisfazer as vontades dos brancos: ser escravo e trabalhar para a população branca. E com isso, proponho analisar como esse contexto histórico da escravidão está enraizado na representação social do negro. O racismo permeia sobre o século XXI em várias formas, falas, olhares, senso comum e violência como poderá ser visto nas páginas seguintes deste trabalho.

Em minha análise, utilizarei como objeto de pesquisa, materiais predominantemente utilizados no nosso século. A internet, os meios de comunicação são fatores importantes para essa minha pesquisa pois, para destacar e identificar a hiperssexualização do gay negro, sites pornográficos retratam de maneira explícita e agressiva, os corpos dos homens negros sendo objetificados. O site www.pontogay.com será um dos meus objetos de pesquisa para trabalhar e chegar em uma análise da hiperssexualização do gay negro. Com isso, irei dialogar com os resultados encontrados nesse site com reportagens vinculadas aos negros e também, pretendo comparar com os contextos históricos da era escravocrata para mostrar qual a representação do negro na nossa sociedade heterossexual e homossexual branca. Para ficar coerente e claro, o

presente trabalho se estruturou em uma ordem cronológica para podermos entender de forma coesa o trabalho e minha análise.

No primeiro capítulo deste trabalho, proponho destacar a era escravocrata segundo o sociólogo Gilberto Freyre para analisar a representação social que os negros possuíam naquela época que ainda possui resquícios nos dias atuais. Neste primeiro momento, pretendo mostrar através dos contextos históricos baseados nas relações sociais dos negros e dos brancos que ocorriam Casa Grande, a maneira como existia a inferioridade das pessoas não-brancas. O negro como escravo reforçava sua submissão dentro daquela sociedade fazendo dele um ser fadado a condições desumanas de sobrevivência.

No segundo capítulo, me concentrei na pornografia gay acerca da pornografia gay analisando o site www.pontogay.com. Com essa análise deste site, pretendo destacar como o gay negro é representado nessa mídia e como ele está vinculado a uma masculinidade hegemônica presente também em negros heterossexuais. Ao falar da objetificação do seu corpo nessa segunda parte da pesquisa, será retratado a questão da masculinidade como fator essencial para oprimir tudo aquilo que fuja da heteronormatividade como foi proposto por Sheila Jeffreys (2003). Neste capítulo será comparado a representação social do gay negro e do gay branco na indústria pornográfica para exemplificar a hiperssexualização do gay negro.

No terceiro e último capítulo, trabalhei a representação social do negro como desprovido de pensamento, ou seja, como podemos relacionar com o primeiro capítulo, o negro sendo representado como mais corpo do que mente. A análise realizada aponta que a objetificação do negro contribui e reforça a sua representação como violento, agressivo e fadado a ser uma pessoa do crime, está enraizado no racismo institucional que exemplifiquei com matérias jornalísticas do século XXI.

Capítulo 1. As representações sociais da sexualidade dos negros na sociedade brasileira

Neste capítulo, apresentarei a noção da representação social da sexualidade dos negros na sociedade brasileira, considerando as teorias de Gilberto Freyre, Osmundo Pinho e Clovis Moura para melhor entender qual o papel dos negros na nossa sociedade. O objetivo do capítulo é apontar o racismo na nossa sociedade de acordo com contextos históricos, políticos e sociais que irei descrever nas próximas páginas.

Para realizar uma crítica social, que o presente trabalho propõe, foi possível e necessário recorrer à alguns autores de grande importância na história social e sexual do negro, desde a era colonial até os dias de hoje. Um dos autores a ser retratado nesse capítulo com grande ênfase é o escritor sociólogo Gilberto Freyre (2003). Apesar da grande importância de Gilberto Freyre, pode-se tecer algumas críticas sobre sua análise de mestiçagem que foi proposto em seu livro de renome “Casa-Grande & Senzala” que é dedicado com enfoque ao estudo da formação da família brasileira no Brasil Colônia. Em outras palavras, o autor realiza na sua pesquisa, a interação dos negros com o senhor branco diante o sistema escravagista da época onde, por meio de contextos sociais econômicos, os negros são vistos em seu sistema de escravo para depois ser visto como negros. Portanto existem representações sociais dos negros que podem ser deduzidas das obras de Gilberto Freire e outros autores.

Para uma análise acerca da construção da sexualidade dos negros no capítulo IV "O Escravo Negro na vida sexual e de família do Brasileiro", Gilberto Freyre retrata a questão do negro e sua vida sexual, comparando e evidenciando noções biológicas e psíquicas do negro com o índio, ou seja, qual das duas raças possuía melhores condições físicas, biológicas para o trabalho escravo, como é retratado pelo autor no seguinte trecho:

“Nada mais absurdo do que negar-se ao negro sudanês, por exemplo, importado em número considerável para o Brasil, cultura superior à do indígena mais adiantado. Escrever que "nem pelos artefatos, nem pela cultura dos vegetais, nem pela domesticação das espécies zoológicas, nem pela constituição da família ou das tribos, nem pelos conhecimentos astronômicos, nem pela criação da linguagem e das lendas, eram os pretos superiores aos nossos silvícolas", é produzir uma afirmativa que virada pelo avesso é que dá certo. Por todos esses traços de cultura material e moral revelaram-se os escravos negros, dos estoques mais adiantados, em condições de concorrer melhor que os índios à formação econômica e social do Brasil. Às vezes melhor que os portugueses.” (FREYRE, Gilberto, 1933, p.193)

Gilberto Freyre destacava que era necessário analisar o negro em si, ou seja a diferença do negro como ser humano com a noção de escravo - "Sá oliveira, em trabalho publicado em 1895, indicou vários efeitos sobre indivíduos da raça negra das novas circunstâncias, que podemos chamar econômicas, de sua vida doméstica e de trabalho no Brasil; primeiro como escravos, depois como párias." (FREYRE, 1933, p.359). O autor cita alguns exemplos onde a deformidade dos pés de algumas crianças negras, se daria devido ao fato das mulheres negras carregar eles nas costas ao realizar o trabalho agrícola. Outro papel que as mulheres negras tinham de grande importância naquela época, seria o fato de serem eficientes amas-leite, pois as mulheres brancas se casavam muito jovens e consequentemente tinham filhos muito jovens também, com isso, as brancas não possuíam condições para amamentar seus filhos por serem jovens para isso. De acordo com Freyre, essa condição não favorável da jovem mulher branca poderia também ser devido ao clima que elas viviam e com isso elas não conseguiam amamentar seus filhos e devido a isso as mulheres negras, por possuírem grande facilidade de sobrevivência do clima nas lavouras, eram chamadas para as casa-brancas onde seriam as ama-leite dos filhos das brancas.

Ao analisar o contexto dos negros na era escravocrata, se existia – e ainda existe nos dias atuais como irei descrever ao longo deste trabalho - uma hierarquia social/racial colocando os brancos como superiores e os negros como inferiores, em que os negros são vistos como ‘coisas’ e não como humanos, ou seja, pelo sistema escravocrata que colocava o negro como escravo realizando trabalhos precários e vivendo em condições desumanas faz com que ele não seja sua própria propriedade mas propriedade de um senhor branco. Dentro desse sistema eles não pertencem a si mesmo mas pertencem a outro.

Essa hierarquia presente no sistema escravagista é particularmente visível no fenômeno conhecido como a hiperssexualização das mulheres negras (escravas). De acordo com Freyre, existia uma visão da mulher negra escrava sendo vista hiperssexualizada por homens brancos daquela época onde, o ato da criança branca ser amamentada por uma ama-de-leite negra, era visto por alguns como motivo de desenvolver um certo interesse por relações íntimas com uma mulher de cor. Não só nesse ato de mamar mas também, por viver no meio de engenho de açúcar, o menino branco poderia adquirir um certa predileção da mulher negra já que ela era exposta à ele como uma ‘mulata fácil’ como destacou o autor no seguinte trecho:

“Já houve quem insinuasse a possibilidade de se desenvolver das relações íntimas da criança branca com a ama-de-leite negra muito do pendor sexual que se nota pelas mulheres de cor no filho-família dos países escravocratas. A importância psíquica do ato de mamar, dos seus efeitos sobre a criança, é na verdade considerada enorme pelos psicólogos modernos; e talvez tenha alguma razão Calhoun para supor esses efeitos de grande significação no caso de brancos criados por amas negras.” (FREYRE, Gilberto, 1933, p. 191)

Diante isso, Freyre afirma que surge o exclusivismo que seria quando o homem branco só conseguisse sentir prazer com uma negra e com isso, o autor nos mostra exemplos onde o homem branco ao se casar com uma mulher branca, só conseguia gozar na noite de "núpcias" se estivesse consigo uma peça de roupa que continha o cheiro do suor da bunda da escrava:

....Outro caso, referiu-nos Raoul Dunlop de um jovem de conhecida família escravocrata do Sul: este para excitar-se diante da noiva branca precisou, nas primeiras noites de casado, de levar para a alcova a camisa úmida de suor. Impregnada de bubum da escrava negra sua amante. Casos de exclusivismo ou fixação. Mórbidos, portanto; mas através dos quais se sente a sombra do escravo negro sobre a vida sexual e de família do brasileiro. (FREYRE, Gilberto, 1933, p.193).

Casos de predileção sexual de homens brancos por mulheres negras, segundo Gilberto Freire, já existiam naquela época. Aqui podemos fazer uma crítica a essa análise do autor, que parte dessa predileção como ato de justificativa para o branco se relacionar com a negra. Gilberto Freire parece acreditar que o fato das escravas portarem poucas vestimentas seria por si só um motivo para o branco se interessar sexualmente pelas escravas. Ou seja, o branco supostamente possuía essa exclusividade sexual pelas negras, devido à sua inferioridade pelo sistema patriarcal, em outras palavras uma cultura machista da inferiorização das mulheres e também devido à escrava ser vista primeiro como um objeto e não como uma pessoa.

Gilberto destaca alguns motivos que levaram o homem branco ver a mulher negra como um objeto sexual onde um dos mais importantes seria o modo do governo naquela época. O fato do modelo do governo ter como característica a submissão dos escravos negros, fazia com que os senhores brancos possuem prazeres por ver a mulher negra como algo inferior, ou seja, como a mulher era uma escrava e tinha que obedecer às ordens dos homens brancos, a imagem dela satisfazer seus desejos seria uma das grandes características para ela ser hiperssexualizada.

Gilberto retrata que a relação sexual dos homens brancos com as mulheres negras tinha o objetivo de satisfazer os prazeres dos senhores, ou seja, os homens brancos acabavam se relacionando com as negras por puro prazer/sedução, porém essa relação acabou surgindo, como foi descrito pelo autor, a raça mestiça: a mistura de duas raças. Essa noção da ‘mistura’ de raças também pode ser descrita por Osmundo de Araujo Pinho (2004) em seu artigo “O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação”, retrata a noção da miscigenação que seria analisado a forma como é representado o mestiço ou mulata de acordo com que a raça e sua sexualidade fossem capazes de nos mostrar um certo papel idealizado. Clovis Moura, outro autor importante para essa discussão, descreve em linhas gerais no seu livro “Sociologia do negro brasileiro” a mistura de raça como irei destacar a seguir.

Esses três autores discutem a noção da miscigenação através de contextos históricos que pertencem à era escravocrata até os dias atuais. Para Gilberto Freyre, existe uma democracia racial. Isso quer dizer que com a mistura de raças, o Brasil não consegue pertencer a uma única raça e com isso, todos estariam classificados em uma mesma categoria social na sociedade. Entretanto, enquanto Gilberto Freyre induz a democratização social, os outros autores a contestam em suas análises. Clovis Moura destaca a miscigenação no seguinte trecho:

“Em outras palavras: estabeleceu-se uma ponte ideológica entre a miscigenação (que é um fato biológico) e a democratização (que é um fato sociopolítico) tentando-se, com isto, identificar como semelhantes dois processos inteiramente independentes. Todos nós sabemos que a miscigenação é um fenômeno universal não havendo mais raças ou etnias puras no mundo.” (MOURA, Clovis, 1988, p. 61)

Pode-se notar que ao se falarmos de uma democracia racial, todos nós estariamos pertencentes dos mesmos direitos sociais, políticos e econômicos, porém, nos capítulos seguintes irei destacar que isso não acontece de fato devido ao racismo presente na nossa sociedade e, no caso deste trabalho, o corpo do negro ser hiperssexualizado.

A representação da sexualidade dos negros, estaria atribuída, portanto, como relatei nas falas de Gilberto Freyre, pelo fato do negro ter sido na era escravocrata identificado por aquela sociedade como um objeto que realiza as vontades dos senhores feudais. Obedecer às ordens o coloca na categoria de animais já que para os brancos, o negro era visto por eles apenas corpos sem mente, sendo, portanto, submetidos a

condições precárias e desumanas. Essa comparação ao animal e sua submissão, irei retratar nas páginas seguintes para considerar que, devido ao negro ser visto como objeto perante aquela sociedade, seu corpo se torna objeto de prazeres dos homens brancos.

CAPÍTULO II - Como a hiperssexualização dos negros os coloca representantes da masculinidade gay hegemônica?

Neste capítulo irei analisar a pornografia gay, onde através de discussões realizadas por alguns autores, pôde-se obter teorias e estudos importantes para se discutir a sexualidade viril do negro nessa indústria pornográfica que retrata uma imagem diferente quando se trata de raça. Analisar a diferença categórica que existe entre o negro e o branco é importante para se enxergar uma hiperssexualização existente no corpo negro, que o faz ser visto apenas como objeto sexual colocando o pênis como órgão principal para objetificar o negro. Diante disso, ao analisar a hiperssexualização atribuída ao negro, utilizo como análise sites pornôs para descrever e discutir como o corpo negro é visto nessa indústria bastante consumida na nossa sociedade. O site www.pontogay.com voltado para o público gay com conteúdo que mostra relações sexuais entre homens nos ajuda a entender e realizar uma análise crítica onde, através de um estudo exploratório, utilizarei nos próximos parágrafos alguns exemplos que retratam as representações sociais associadas aos negros e a imagem o negro representa.

O racismo na nossa sociedade é sustentado por uma ideologia da natureza (irei apresentar esse conceito mais detalhadamente no próximo capítulo) que representa os negros como inferiores e os brancos como superiores contribuindo para uma imagem inferior que o negro representa e o site www.pontogay.com, com imagens e discursos, coloca o negro com uma masculinidade viril diante aos brancos. Esse site é um site pornográfico de origem brasileira que trabalha com conteúdo voltado para o público gay, apresentando vídeos e outros conteúdos que mostram a relação homo afetiva. Por ser um site pornô gay, o público que comercializa esse conteúdo é predominantemente homossexual. A plataforma surgiu no ano de 2013 e está em atividade até os dias atuais, compartilhando seus produtos online. Para ter acesso ao conteúdo do site o usuário tem que realizar uma assinatura com pagamento mensal e um dos produtos ofertados por eles são histórias em quadrinhos gays pornográficas que irei utilizar como objeto de estudo nesse capítulo para mostrar a hipersexualização do corpo negro nas relações homo afetivas. As HQs foram escolhidas por mim para realizar minha análise devido ao fato de apresentar, com imagens e falas, a representação social do gay negro como viril/dotado. Se tem a imagem do negro gay possuir um pênis enorme e dotado como sexualmente potente, ou seja, o seu pênis seria classificado pela sociedade como órgão de prazer sexual

alimentando um fetiche perante os gays brancos. Com isso, pretendo mostrar durante esse trabalho que o fato do negro ser representado socialmente como possuindo um pênis ‘gigantesco’, o coloca como se fosse um objeto, ou seja, mais corpo do que mente.

Ao se falar sobre uma hiperssexualização do negro gay na indústria pornográfica, é de grande importância entender como pode se dar essa noção do negro ser um ser dotado de prazer sexual para os brancos colocando o pênis como o órgão fálico de bastante potência. Não só a noção do “incrível” e “monstruoso” pênis grande, mas também a forma como o negro deve se comportar entre quatro paredes, ou seja, sua posição nas relações sexuais entre outros homens também é importante. Luiz Felipe Zago (2009) em sua dissertação de mestrado, ao analisar um site de relacionamento homo afetivo, destaca que as relações sexuais existentes no “mundo” gay, são baseadas na penetração que tem o significado de ser o principal ato em uma relação sexual com seu parceiro, tornando evidente o surgimento da “posição” sexual que cada um deve ter, ou seja, quem é o passivo, ativo e versátil da relação.

Para Zago (2009), o passivo seria aquele que tem a “preferência pela prática anal receptiva ou passiva”; o ativo seria aquele que tem a “preferência pela prática anal insertiva ou ativa”; e o versátil aquele que tem a “preferência tanto pela prática anal penetrativa quanto passiva”. A partir da análise do perfil dos usuários do site em que realizou a sua pesquisa, Zago observa que a penetração é a base das relações sexuais entre homens, sendo necessário que exista, necessariamente, um ativo e um passivo na relação, ou, alternativamente, a figura do “versátil”, definido como quem pode assumir tanto a posição de ativo quanto de passivo. Ao perceber essa classificação de posições性uais que se tem nas relações sexuais entre os homens, quem detém a posição de ativo seria aquele visto como o mais agressivo, viril e superior já que é ele que está penetrando no passivo, isto lhe dá o alvará de superioridade perante ao que só recebe. Zago retrata essa imagem de agressividade que o ativo possui no seguinte trecho:

“São as ações que seus pênis serão capazes de realizar (foder, meter, fazer gemer, mijar, enterrar, arregançar) nos corpos de seus parceiros passivos (na bunda, na boca, no rabo) e também as ações que poderão ser realizadas pelos e nos seus pênis (engolir, levar, chupar, dar) que constroem e investem de significado a prática anal insertiva. Toda a atividade do sujeito “ativo”, sua energia e sua força, precisam de alegorias de linguagem para emergir” (ZAGO, 2009, p.114)

Diante dessa perspectiva que o ativo é sempre o agressivo e que está superior ao passivo, na minha análise empírica das HQs do site www.pontogay.com, pode-se ver a representação do negro ser o ativo das relações sexuais (o que penetra). Com isso foram analisadas cinco histórias em quadrinhos com os seguintes títulos: 1º quadrinho: “Negrões do basquete em: Treinamento duro”; 2º quadrinho: “Negrões do basquete em: Enterrando as bolas; 3º quadrinho: “Negrões do basquete em: Prorrogação no vestiário; 4º quadrinho: “Negrões do basquete em: Comemorando a vitória e o 5º quadrinho: “Negrões do basquete em: Desafio entre irmãos”. Essas HQs apresentam uma ordem cronológica, ou seja, cada uma está ligada a outra de acordo com a construção da história. Elas relatam, como personagens principais, o time de ‘negrões’ como é possível ver nos títulos das cinco histórias, apresentando assim algo em comum: o time dos negrões e o relacionamento sexual destes com os brancos, chamados pejorativamente de branquelas. Na tabela abaixo, apresento as frases que os personagens falam durante as histórias afim, de melhor exemplificar a objetificação do corpo negro:

Tabela 1: Frases pronunciadas por negros e brancos

HQ	PASSIVOS (BRANCOS)	ATIVOS (NEGROS)
Frases pronunciadas por negros e brancos nas histórias em quadrinhos	<ul style="list-style-type: none"> • “Dois negros com pirocas monstruosas”, • “Ui! Tá gostoso, mas não seja tão agressivo! ” • “Isso significa dar o rabo para aqueles monstros cacetudos” • “Aqueles negrões enormes me deixaram apavorado!” • “Está me arrebatando! ” 	<ul style="list-style-type: none"> • “Vamos ver se aguenta o meu pau” • “Isso grita mais! É uma delícia ouvir seus gemidos! ” • “Os meus sempre fazem escândalo! Então prefiro tapar a boca! ”

Fonte: Elaboração própria (2019)

Os negros sendo os ativos e os brancos sendo os passivos retrata essa diferença na posição não só sexual, mas também remete quem é o agressivo e o que está sendo “afetado”. A imagem do negro ser o agressivo “na cama” faz com que outros autores

estudassem sobre essa masculinidade “forte” que está fortemente representada pelos negros, sobretudo pelo seu pênis. Essa masculinidade não está apenas restrita a homens heteros, ou seja, existe uma masculinidade presente na cultura gay que ajuda a construir cada vez mais o estereótipo masculino passando das relações heterossexuais para as relações homossexuais.

A masculinidade dominante, para se fazer presente e continuar sua existência, implica em se oprimir tudo aquilo que é associado ao feminino pois só assim a masculinidade consegue se manter atuando sobre a sociedade e com isso afetando tanto o público gay como foi proposto por Sheila Jeffreys (2003) em “*Unpacking Queer Politics*”. De acordo com a autora a relação da masculinidade gay presente na comunidade LGBTQ afeta de forma direta a forma como as lésbicas se relacionam, principalmente de forma sexual. Esse fator patriarcal pode ser explicado através da prática recorrente das meninas lésbicas que colocam um dílido dentro da calça para simular a presença de um pênis ou seja, era cada vez mais frequente lésbicas querendo se encaixar em um padrão gerado pela cultura da masculinidade para se parecer cada vez mais com homens e assim conseguir se relacionar com outras meninas.

Isso implicava, de acordo com Jeffrey, também na mudança de seus corpos e na noção da transexualidade fazendo com que muitas dessas mulheres mudassem a estética dos seus corpos para se parecer com um corpo masculino. Essa mudança estaria representada pelo órgão masculino que representa na nossa sociedade o fator viril do pênis como se ele fosse o estopim para se relacionar com outras mulheres. A cultura da masculinidade está relacionada com o pênis influenciando a comunidade lésbica como Sheila Jeffreys retrata:

“A mudança do auge do feminismo lésbico o qual compreendíamos, como Adrienne Rich disse, como “O significado de nosso amor por mulheres é o que temos de expandir constantemente” (Rich 1979: 230) a uma situação aonde, em algumas partes influentes e muito publicizadas da comunidade lésbica, masculinidade era o santo graal, não poderia ser mais profunda.” (JEFFREYS, 2003, p.6)

Sheila Jeffreys (2003) ao analisar essas relações que existiam na comunidade LGBTQ, procura entender o motivo que aconteceu essa influência da masculinidade na comunidade lésbica e retrata, primeiramente, que foi devido à influência de uma cultura gay masculina. Essa cultura se fortaleceu no final dos anos 70 onde não se procurava

quebrar a hierarquia que já existia nas relações heterossexuais advindas da cultura machista e patriarcal, mas procurava-se sustentar nessa masculinidade. Essa masculinidade pôde ser construída e reverenciada através de várias práticas sexuais como o sadomasoquismo, pornográfica gay masculina, prostituição e entre outras onde essas práticas só reforçavam a noção do masculino. Portanto, como afirma Jeffreys logo acima, para alimentar essa masculinidade é preciso rechaçar a feminilidade.

Ao analisar essa noção da masculinidade gay presente na comunidade lésbica, Jeffreys descreve em linhas gerais a relação que se tem os homens gays e as mulheres lésbicas dentro da teoria queer como é retratado por ela no seguinte trecho:

“Às práticas prejudiciais que se desenvolveram nesse período foram dadas todas justificativas teóricas no interior da política e teoria queer. Argumento que quando a política queer nos 1990s atacou os princípios da liberação gay e do feminismo lésbico, que requiriu a transformação da vida pessoal, houve um backlash contra a possibilidade da mudança social radical. A nova política era baseada, muito explicitamente, em um repúdio das ideias lésbicas feministas. A política queer consagrou um culto da masculinidade. Argumento aqui que a agenda política da política queer está danificando os interesses de lésbicas, mulheres no geral, e círculos marginalizados e vulneráveis de homens gays.” (JEFFREYS, 2003, p. 6)

Com o surgimento de pesquisas em relação a comunidade gay e lésbica nos anos 90 (o surgimento da teoria queer), Jeffreys retrata que os gays e as lésbicas estavam em uma categoria em comum, ou seja, pertencentes em uma categoria que os colocava em uma busca em comum, ou seja, a luta pela homofobia. Mas mesmo as lésbicas e os gays pertencendo ao mesmo círculo de minorias a autora enfatiza que existe uma diferença entre eles. Sheila Jeffreys explica esse diferente interesse das comunidades pegando de referencia a poeta e escritora Adrienne Rich que retratou, no ápice do feminismo lésbico nas seguintes palavras:

“Lésbicas foram forçadas a viverem entre as duas culturas, ambas dominadas pelo masculino, cada uma da qual negou e pôs em perigo nossa existência. Por um lado, existe a cultura patriarcal, heterossexual... Por outro lado, existe a cultura patriarcal homossexual, a cultura criada por homens homossexuais, refletindo tais estereótipos masculinos como dominância e submissão como modelos de relacionamento, e a separação do sexo do envolvimento emocional – uma cultura marcada pelo profundo ódio às mulheres. A cultura masculina “gay” ofereceu às lésbicas a imitação de estereótipos de papel de “butch” e “femme”, “ativa” e “passiva”, cruising e sadomasoquismo, e o violento, autodestrutivo mundo dos bares “gays”. Nem a cultura heterossexual nem a cultura “gay” ofereceu às lésbicas

um espaço no qual descobrir o que significava ser auto-definida, auto-afetuosa, identificada-mulher, nem uma imitação dos homens nem seu oposto objetificado. (Rich 1979: 225)” (apud, JEFFREYS, 2003, p. 8)

Ao analisar essa questão da cultura masculina gay, Jeffreys procura identificar como ela foi se construindo nas relações homo afetivas e como ela é prejudicial aos negros e as mulheres, ou seja, essa cultura está enraizada pela influência patriarcal da nossa sociedade. A autora retrata que a cultura da masculinidade gay está presente de forma explícita nos dias atuais através do sexismo, como por exemplo o ‘nojo’ que os homens gays possuem do órgão feminino das mulheres.

A repudia pelo corpo feminino pode ser retratada em um exemplo bem comum que existe na comunidade gay chamado “efeito eca”. Esse termo é usado por homens gays para demostrar nojo pelo corpo feminino tanto por vê-los ou até mesmo pensar neles. O termo se tornou conhecido em workshops de um evento chamado US National Lesbian and Gay Task Force onde se tinha a finalidade de discutir histórias e sentimentos entre gays e lésbicas. E nessas trocas de sentimentos, Eric Rofes (apud Jeffrey, 1998) relata, assim como outras pessoas presente no evento, a repudia que ele, como homem gay, tinha pelo corpo feminino onde o efeito eca se daria ao ver o corpo de mulheres, chegando ao ponto de afirmar que as vaginas possuem cheiro de peixe. O termo “efeito eca”, portanto, se baseia ao nojo pelo corpo feminino e ao “mal cheiro” que ele dizia ter (a vagina) e esse termo, que é bastante utilizado pelos gays, é de acordo por Jeffreys, causado pela cultura da masculinidade gay.

A masculinidade gay é, portanto, como retratei nas falas de Jeffreys nos parágrafos acima, uma construção social da dominação masculina sobre o feminino, ou seja, para se existir um, precisa existir uma subordinação pois só assim a masculinidade consegue ganhar forças e se estender por várias classes sociais. A socióloga australiana Raewyn Connell (R. W. Connel- apud Jeffreys, 1995) que realizou estudos voltados para a política e a questão do gênero retrata em um dos seus trabalhos sobre masculinidades como ela é um fator de construção na nossa sociedade “Em consequência, quando falamos da masculinidade, estamos ‘construindo o gênero’ de uma forma cultural específica” (CONNEL, 2003, p. 104). Um só existe se o outro existir.

Para se discutir a masculinidade presente na cultura gay é preciso compreender que ela se dá devido a construções sociais, históricas e culturais que fazem com que o

homem tenha seu privilégio em relação a feminilidade, ou seja, seu sistema patriarcal coloca o masculino superior ao feminino como retrata Luiz Felipe Zago:

“É essa perspectiva que põe a construção das formas de ser homem hoje na nossa sociedade em contexto de dependência cultural, histórica e política em relação a outras maneiras de viver os gêneros (relação com as feminilidades e as múltiplas masculinidades) que evita seu essencialismo e reinscreve as masculinidades em campos de luta dentro da cultura.” (ZAGO, L. F. p.142, 2009).

Ao analisar o contexto e a construção da masculinidade, Luiz Felipe Zago propôs vários tipos de masculinidades, acrescentando o ‘s’ para representar que é possível os atores sociais pertencerem a mais de uma masculinidade já que o mesmo pode ser influenciado por relações de dominação, marginalização, cumplicidade e etc. Muito diferente da teoria das masculinidades(‘s’), Sheila Jeffrey confronta essa teoria pois, de acordo com ela, acrescentar o ‘s’ para classificar os vários tipos de masculinidades presentes em nossa sociedade, é uma forma de mostrar que nem todo tipo de masculinidade é ruim e que algumas podem ser vistas com bons olhos e até mesmo serem reparadas. Para a autora, sua análise da masculinidade tem como fim acabar com sua construção já que ela possui cunho de dominação masculina e com isso deveria ser extinta. Apesar disto a autora reconhece que pode sim existir uma variação da dominação masculina influenciado pela classe, raça e etc., entretanto, mesmo reconhecendo sua amplitude, ela não deixa de ser um fator prejudicial a sociedade em que vivemos.

Luiz Felipe Zago retrata também que o autor Kimmel (apud, Zago 1998) classifica que existem dois fatores que ajudam a construir as diferentes masculinidades sendo eles: relação dos homens com as mulheres (a desigualdade de gênero) e a relação dos homens com outros homens (desigualdade de classe, sexualidade, raça e etc), ou seja, para se manter o padrão da identidade de gênero masculina é preciso se apoiar nas características da feminilidade das mulheres, homens homossexuais e etc, e se diferenciar delas. Portanto tudo aquilo que foge do padrão hegemônico da masculinidade ajuda a manter a identidade masculina. Não basta ser homem, tem que ser macho: a masculinidade tem que ser cada vez mais reforçada.

Ao analisar essa noção da masculinidade gay presente nas relações entre dois homens, retrato agora como a mesma está enraizada no corpo do negro. Podemos ver isso ao retirar das HQs, palavras, frases e até mesmo expressões que mostram que o negro

(ativo) transparece ter uma imagem de dominação diante aos brancos. À primeira vista, os negros parecem ser os dominadores e os brancos, submissos, como mostra o quadro a baixo:

Tabela 2: Frases que denotam uma submissão dos brancos (passivos) e a dominação dos negros (ativos)

HQ	PASSIVOS (BRANCOS)	ATIVOS (NEGROS)
Palavras que denotam uma submissão dos brancos (passivos) e a dominação dos negros (ativos)	<p>“Os negrões chegaram...ainda dá tempo da gente desistir do jogo!”</p> <p>“MESMO SE PERDEMOS, VOCÊ É SEMPRE O PRIMEIRO A QUERER DAR O CU...”</p> <p>“EI, CALMA!”</p> <p>“EU PEÇO ÁGUA!”</p> <p>“PRECISO ENCONTRAR UM JEITO DE ESCAPAR!”</p> <p>“VAI! ENFIA TUDO!”</p> <p>“MEU RABO NUNCA MAIS SERÁ O MESMO!”</p>	<p>“PERDEU POR W.O., BRANQUELO! QUERO O MEU PRÊMIO”</p> <p>“ENTÃO ENGOLE ESSA PORRA!”</p> <p>“DEIXA EU SENTIR ESSE RABINHO!”</p> <p>“VAMOS VER SE AGUENTA O MEU PAU BRANQUELO!”</p> <p>“ADORO IMOBILIZAR E OUVIR VIADINHO IMPLORAR!”</p> <p>“QUEM EU VOU FUDER AFINAL?”</p> <p>“FOI BOM, MAS EU AINDA METERIA MAIS!”</p>

Fonte: Elaboração própria

Como se pode ver no quadro acima, se tem e exige posições sexuais que um homem ao se relacionar com outro homem, tem que se posicionar como eu retratei logo no começo desse capítulo ao tomar como referência as teorias de Luiz Felipe Zago. O negro é ativo e o branco é o passivo. O negro categorizado nessa posição ativa pode ser visto nas análises que realizei nas páginas seguintes, ou seja, o fato dele apresentar o órgão genital ‘grande’ já o coloca nessa posição. O fato dele ser representado de uma maneira hiperssexualizada, a partir da imagem dominante de que possui um órgão gigantesco

(falo), que lhe garante um lugar de destaque nesta cultura masculinizada. As falas dos personagens como por exemplo: “VAMOS VER SE AGUENTA O MEU PAU, BRANQUELO! ”; “ENTÃO ENGOLE ESSA PORRA”; “DOIS NEGRÕES COM PIROCAS MONSTRUOSAS”; “ISSO SIGNIFICA DAR O RABO PARA AQUELES MONSTROS CACETUDOS”; “VAMOS VER SE AGUENTA O MEU PAU”, representa o corpo do negro sendo hiperssexualizado, como se a única maneira dele se relacionar seria com seu órgão genital. A sexualização do negro aparece tão fortemente nessas falas que ele passa a ser visto não como um ser humano, mas sim como objeto, ou seja, mais corpo do que mente.

Essa “preferência” em se assumir uma certa posição sexual esta interligada à cultura da hétero normatividade. Em relações heterossexuais, ou seja, numa relação entre parceiros do sexo oposto, se existe a cultura da masculinidade viril onde o homem hétero ao portar isso faz com que as mulheres tenham desejos sexuais por essa masculinidade “forte” ajudando a categorizar isso como hétero normatividade. Luiz Felipe Zago retrata:

“A heterossexualidade, o desejo sexual dirigido ao sexo oposto, em nossa sociedade passou a ser uma característica constituinte, definidora e imprescindível de um certo tipo de masculinidade: a mais viril, a mais valorada, a mais aceita e a mais desejada socialmente. A heterossexualidade seria, então, umas das “normas sancionadas” que acaba por produzir a heteronormatividade. Espera-se que mulheres (corpos reconhecidos como sendo ‘naturalmente’ de mulheres) sintam-se sexualmente atraídas por homens (corpos reconhecidos como sendo ‘naturalmente’ de homens) porque apenas e tão somente quando um corpo de mulher ‘encontra’ um corpo de homem a espécie humana pode se reproduzir. (ZAGO, L. F. p. 150, 2009)”

Como Luiz Felipe Zago retrata nesse trecho, é possível notar que para o homem ser visto como “homem” ele precisa se apoiar nessa hétero normatividade onde o mesmo está inserido no corpo do homem fazendo com que ele aja – ao ter práticas sexuais ou relações - diante práticas heterossexuais e isso abre as portas para uma nova categoria no campo da masculinidade: a hegemonia. Para retratarmos essa noção da masculinidade hegemônica no campo da homossexualidade, é importante atentarmos para sua construção até chegar no nó da questão que quero discutir nesse trabalho: a hiperssexualização dos negros.

A masculinidade hegemônica, pode ser entendida por Luiz Felipe Zago, como aquela categoria da masculinidade interligada a heterossexualidade, ou seja, como retratei

antes, a heterossexualidade possui sua masculinidade viril para conquistar aquilo que está subordinado a ele: a feminilidade. A hétero normatividade possui suas raízes em uma masculinidade que só existe com a subordinação do outro – esse outro seria tudo aquilo que foge dos padrões de masculinidade fazendo jus assim a hegemonia. Tudo aquilo que foge da masculinidade hétero normativa é condenada a ser inferior. Já que a heterossexualidade é vista em nossa sociedade como algo normal por que essa sexualidade foi feita propriamente para reprodução fazendo com que tudo aquilo que foge disso ser concebido como inferior. Portanto para existir a masculinidade hegemônica, precisa ter como subordinação a feminilidade e tudo aquilo que foge do padrão de masculinidade heterossexual como retrata Luiz Felipe Zago no seguinte trecho: “A masculinidade hegemônica será aquela que atendo com êxito a reivindicação à autoridade sobre as feminilidades e as demais formas de ser homem em um contexto histórico, cultural e político.” (ZAGO, L. F., 2009, p. 152).

A masculinidade hegemônica está também ligada ao grupo dos homossexuais, ou seja, não é só no campo da heterossexualidade que ela opera. Sim, se paramos para analisar, essa hegemonia masculina prejudica sim os gays, já que esses estão fora do padrão de masculinidade imposto na nossa sociedade fazendo com que eles sejam subordinados ao se compararem com os heterossexuais. Mas cabe aqui, entender que a hegemonia, depende do contexto histórico, social e político da nossa sociedade como foi retratado pelo Luiz Felipe Zago logo acima.

Através das frases que destaquei nas histórias em quadrinhos do site pornográfico “ponto gay” foi possível observar como o negro é apenas o ativo da relação e essa sua posição o caracteriza como superior ao branco já que, de acordo com a masculinidade gay viril que retratei ser apropriada por gays, fez com que o negro seja visto como o “homem” da relação onde o mesmo só pudesse ser o “macho” da relação. Com isso, por ele ser visto como inferior na nossa sociedade devido a fatores históricos e sociais retratados no primeiro capítulo desse trabalho, o fato dele ser o ativo (superior ao passivo) o coloca como superior e desejável. Mas essa superioridade é falsa pois ele está sendo visto apenas como corpo. E como vimos nessas HQs o órgão genital - pênis - do negro é o principal meio para se fazer viril e ser visto como atraentes pelos brancos. Quanto maior o pênis, melhor o negro é aceito em suas relações sexuais. Portanto, aqui temos uma hegemonia que não favorece o negro. Como o negro é visto como o ser do pênis “gigante”,

“monstruoso” a hegemonia o encaixa como inferior e não superior, Luiz Felipe Zago nos mostra:

“A extensão material do pênis, seu poder de penetração, seu volume impressionante e sua ereção prolongada também são credenciais necessárias para a hegemonia. A constituição material do pênis compõe o nó de problemáticas a serem enfrentadas pelos homens para serem reconhecidos como pertencentes à ou portadores da masculinidade hegemonic.” (ZAGO, L. F., 2009, p.157)

O pênis é visto na nossa sociedade como o falo da masculinidade hegemonic, como retratei nas teorias de Sheila Jeffreys, é o órgão que domina e coloca como subordinadas as sexualidades que vão de contramão ao padrão de masculinidade e no caso do negro nas relações homossexuais, ele é a grande peça para a masculinidade hegemonic, colocando com que o negro seja o dominador; superior; agressivo e o branco seja o subordinado; inferior. Porém essa masculinidade hegemonic do gay, no caso do negro, o seu pênis sendo o dominador de tudo e todos, faz com que essa hegemonia coloque o negro como inferior já que o que é desejado pelos brancos é apenas seu pênis, fazendo com o que o negro seja visto mais uma vez como objeto.

Falar sobre essa masculinidade gay hegemonic e, como para ela se fortalecer e manter resistente no contexto da pornográfica gay, pude, através de uma análise que realizei de alguns sites pornôs que detém apenas de atores brancos, comparar com o site www.pontogay.com onde mostrei nas páginas anteriores minha analise referente aos quadrinhos dos “negrões”. Osmundo Pinho (2008) em seu artigo “Race Fucker: representações raciais na pornografia gay”, dialoga como essas representações raciais são influenciadas pelo racismo e pelo mito de uma cultura sublime que se existe na nossa sociedade.

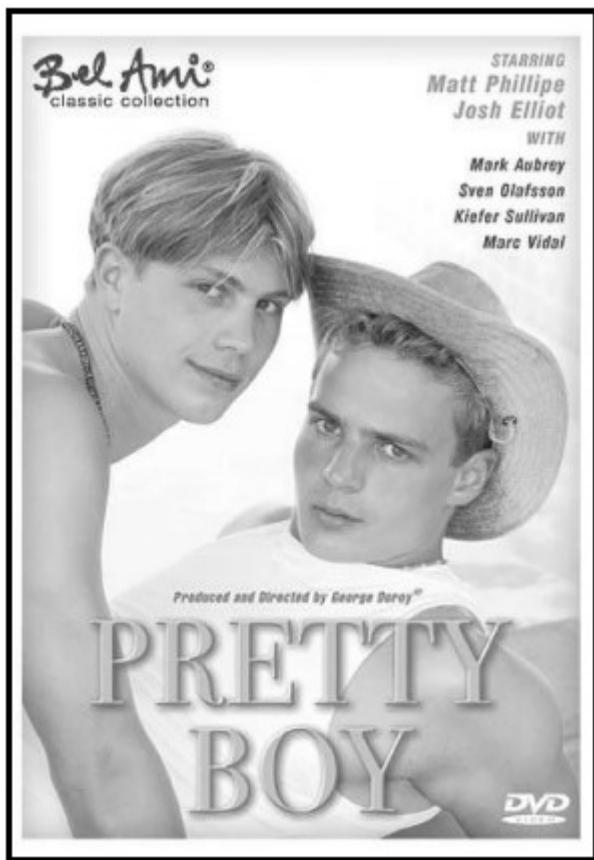
O racismo sempre reforçou, até nos dias atuais, o negro como raça inferior e depravada – como retratei no capitulo 1 contextualizando a era escravocrata e os contextos históricos, sociais, políticos e econômicos que essa era deixou marcada – e o branco como ser dotado de um “sangue” puro e inocente, tornando aqui uma hierarquia social devido a cor de pele que cada um representa. A sua cor de pele retrata qual posição social você ocupa na sociedade. Embora o foco da minha pesquisa tenha sido a análise sobre a representação social dos negros na pornografia gay, é fundamental entender como

os brancos são representados nesta pornografia, visto que a raça é uma categoria relacional (brancos e negros) em que nenhum se define por si só.

Segundo Osmundo Pinho existe uma representação social da branquitude na pornografia gay que aparece associada ao sublime onde ela não está explicitamente estampada em palavras nos sites pornôs, ou seja, ele está internalizado subjetivamente, mas, as características que muitos trazem, podemos identificar essa imagem do sublime. Um exemplo que o autor mostra é referente ao Bel Ami, uma produtora de filmes pornográficos gay fundado por George Duroy que coloca especificamente em seus vídeos apenas atores brancos. Como identificar esse sublime em seu site? Para responder essa questão, realizei uma pesquisa no site www.belamionline.com e comparei com o site www.pontogay.com para poder identificar essa categoria da branquitude que está colocada, no campo da pornografia, como superior a outras categorias: “No espaço imaginário da pornografia gay, a branquitude, ainda que não exatamente articulada em termos discursivos, é uma representação poderosa.” (Pinho, Osmundo, 2011, p. 182)

No site da Bel Ami, é possível identificar por meio das imagens, atores brancos de cabelos lisos com lábios e bochechas rosadas, corpos malhados e muito deles de olhos claros (azul e verde). As manchetes dos vídeos são descritas como “Body Perfect” (Corpo perfeito); “The Game of Love” (O jogo do amor - e nesse a palavra “Love” está colocada bem maior do que as outras palavras e escrito com a cor rosa podemos então associar com as bochechas rosas que esses atores possuem, ou seja, a noção de inocência e delicadeza, o amor delicado) “Flip Flop Fantasy” (Fantasia do Troca Troca – a tradução pra Flip Flop na pornográfica gay significa “Versátil”). No site possui vídeos “solos” dos atores, isso quer dizer uma categoria de filme onde apenas um ator aparece no vídeo se masturbando e utilizando objetos性uais (esses objetos sendo de utilização anal – passividade) e o cenário onde acontece esses vídeos são totalmente “brancos” ou seja, muito bem iluminados, com os atores sentados e deitados em camas ou sofás com cores claras, objetos caros como por exemplo iluminaria, notebooks, quadros, e até mesmo com a presença de ursinhos de pelúcia no fundo. O urso de pelúcia representa a imagem de inocência, jovial, pureza, fofura, amor, delicadeza, e entre outros adjetivos associados a limpeza. Osmundo Pinho em seu texto mostra como esse sublime é visto nas manchetes desse site que sempre mostram o branco como inocente e feições de delicadeza, como podemos ver logo abaixo na seguinte imagem:

Figura 1 – Capa de um vídeo pornográfico entre dois brancos



Fonte: Pinho, Osmundo, 2008, p. 183

Aqui podemos compreender melhor o significado do sublime na branquidade que Osmundo classifica sendo uma pureza jovial dos atores, roupas brancas e expressões de inocência, pode-se perceber como o sublime está incorporado nessa categoria dos gays brancos na pornografia.

Ao compararmos com os quadrinhos que analisei no site www.pontogay.com, que retrata a pornográfica com o gay negro ativo com as seguintes características: se passando na quadra de basquete, no vestiário, em baladas, dormitórios, van, etc. E as manchetes colocando os negros como se fossem monstruosos: “Treinamento duro”; “Enterrando as bolas”; “Comemorando a vitória”, ou seja, os títulos sempre classificando o objetivo dos negros de conseguirem penetrar os brancos (passivos) e a chamadas são descritas sempre mostrando os negros com pênis enormes, e braços fortes e os brancos menores sendo penetrados e até mesmo com a expressão de espanto olhando para o negro como se ele fosse um monstro. Osmundo Pinho traz em seu trabalho a imagem de uma

pornografia gay com atores negros que podemos comparar com essa minha análise que realizei dos quadrinhos com o site da Bel Ami:

Figura 2 – Capa de um vídeo pornográfico entre dois negros

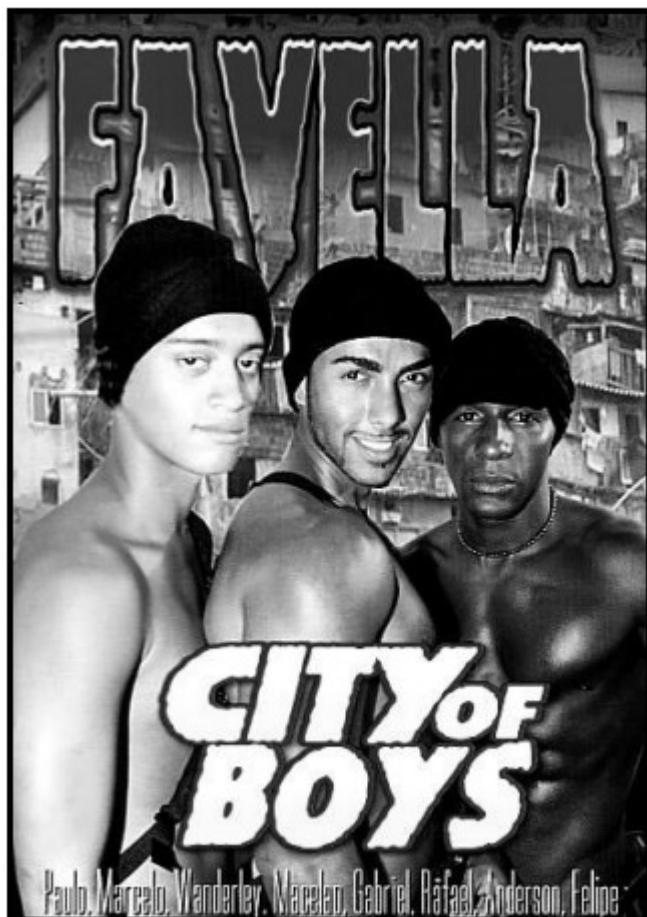


Foto: Pinho, Osmundo, 2008, p. 165.

Como podemos observar nesse pornô dos negros eles estão classificados como homens “machos”, com expressões fortes, sem camisa, ou seja, como a masculinidade fosse revigorada diante aos brancos. Percebe-se que em cima da foto está escrito “favela”, ou seja, esse pornô gay negro o coloca o negro como bandido da favela e isso classifica ele como perigoso e monstruoso - é possível notar eles com armas penduradas em seus corpos.

Com isso, ao realizar essa minha pesquisa e mostrar as referências de Osmundo Pinho, o gay branco estaria representado como aquele dotado de inocência, pureza, delicadeza. E o gay negro, por sua vez, visto como perigoso, monstruoso com seus corpos

e genitais enormes lhe causando uma suposta ou aparente superioridade sexual fundada na brutalidade e na violência. Porém essa superioridade é favorável ao negro? A partir dessa análise, podemos notar que sua superioridade está simplesmente relacionada ao seu órgão genital, como se ele só fosse “alguma coisa” devido ao seu porte físico resistente e grande em comparação aos brancos que são vistos, nessa pesquisa, como a inocência, pureza, etc. A superioridade sexual ou fálica reforça o estereótipo do negro como forte, resistente, brutal e violento causando uma série de consequências na vida concreta dos negros. Essas consequências seriam aquelas onde o negro está sendo representado pela sociedade como marginalizado, ou seja, ele sendo visto como perigoso, desprovido de inteligência e até mesmo colocando o negro, representado como um corpo viril, como ideal para realizar trabalhos braçais. Isso quer dizer que a resistência em trabalhos precários seria da natureza do negro enquanto o branco é representado em condições e setores melhores economicamente como irei desenvolver no terceiro e último capítulo desse trabalho.

CAPÍTULO III - Hiperssexualização dos Negros na Pornografia gay: Hegemonia Opressora?

Neste capítulo irei trabalhar, utilizando como referencias toda construção teórico-empírica desenvolvida nos capítulos anteriores, a forma como a cultura gay masculinizada reserva para os negros, em certos contextos da pornografia gay, um lugar de destaque. É importante reafirmar que essa posição ocorre em virtude de os negros supostamente possuírem um corpo viril e um órgão sexual “monstruoso”. Para debruçar nessa discussão se faz necessário entender e analisar como essa “superioridade” do gay negro – ser taxado como viril e possuir o pênis enorme - está baseada no racismo e no sexism criando uma hierarquia social: negros são representados como inferiores e brancos superiores, colocando os negros na categoria de falácia e vistos como mais corpo do que mente.

Bell Hooks (2004) em seu terceiro capítulo do livro *We Real Coll: Black Men and Masculinity* discute em linhas gerais com base no modelo norte americano a escolarização dos homens negros e como ela, de acordo com Hooks, o coloca a mercê de uma disputa entre ter uma educação ou ter um emprego tendo em vista que essas duas categorias não estariam andando juntas quando se trata de pessoas negras. Isso quer dizer que, para a autora, o negro ou estudava ou ele trabalhava. Para Hooks a escolarização dos homens negros não é a mesma aplicada para os homens brancos devido ao fato do prejulgamento que a sociedade branca patriarcal possui em relação aos negros. Enquanto os homens brancos são vistos como concebíveis a receber educação, os homens negros são vistos como sujeitos desprovidos de habilidades intelectuais traçando, portanto, uma visão racista e sexista de que eles não passam de um mero corpo sem mente, ou seja, aos olhos da supremacia branca capitalista e patriarcal, são seres não pensantes que possuem apenas corpo.

A autora retrata que essa educação era vista pelos negros em meados dos séculos XIX e XX, a porta de saída da escravidão para a liberdade, ou seja, a população negra via a educação uma forma de conseguir passar do modelo escravocrata que a sociedade o classificava para assim conseguir ser visto como um humano pensante e não apenas um corpo. E com essa cultura da supremacia branca, Hooks diserta em suas páginas o papel da mídia e da educação elitista (branca) em transmitir para os jovens negros que para sua

sobrevivência eles teriam que se empenhar em trabalhos físicos, como é relatado por ela no seguinte trecho:

“Atualmente, na cultura da supremacia branca capitalista, imperialista e patriarcal, a maioria dos jovens oriundos das classes pobres e desprivilegiadas é socializada através da mídia de massa e de uma educação elitista tendenciosa para acreditar que tudo o que é necessário para a sua sobrevivência é ter habilidade para o trabalho físico. Jovens negros, desproporcionalmente numerosos entre os pobres, vêm sendo socializados para acreditar que a força e a resistência física são tudo o que realmente importa” (HOOKS, Bell, 2004 p. 678)

Com a perspectiva de se obter educação sendo tirada, os homens negros deixavam a escola para trabalhar tendo em vista que a maior parte da população de baixa renda, de acordo com Hooks seria de pessoas negras, tornando agora um problema social de cunho racista e sexista. A supremacia branca elitista compunha até mesmo as salas de aulas, ou seja, professores brancos que tinham o papel de ensinar e educar seus alunos, possuíam uma educação seletiva que atendia as crianças brancas e deixava de lado as crianças negras, já que eles eram concebidos, diante a aquela sociedade, seres não pensantes que não seriam dotados de inteligência. Pode-se perceber que na análise de Hoolks a escolarização para os homens negros não estava atingindo o seu objetivo de educa-los, tornado assim a escola um ambiente que não fazia sentido para eles permanecerem procurando outro meio de ascensão social: o trabalho. Porém essa falta de escolarização que muitos homens negros não possuem, afeta sua vida na fase adulta colocando-os em trabalhos com grau baixo de instrução intelectual, ou seja, seus trabalhos seriam de cunho braçal e pela falta de alguma formação escolar, os empregos “intelectuais” não davam oportunidades para eles. Hooks destaca como a falta de escolarização é vista pelos homens negros:

“Simultaneamente, muitos homens negros responsáveis e desempregados são iletrados e não tem acesso a uma estrutura educacional que possa ensiná-los a ler e a escrever. Eles também podem ser consumidos por sentimentos de vergonha, porque não dominaram essas habilidades em sua juventude, e se recusam a buscar a educação enquanto adultos. Homens negros adultos que estão presos, com tempo em suas mãos, frequentemente não apreciam a oportunidade de aprender habilidades de escrita e leitura. Todavia, eles deveriam ter aprendido estas habilidades na escola, no início de suas vidas.” (HOOKS, Bell, 2004 p. 684)

Já os homens negros que conseguiam alcançar – enfrentando o racismo e sexism uma escolarização avançada e tinham educação para se integrar em trabalhos intelectuais de boa remuneração, eram vistos como uma ameaça para supremacia branca. Hooks destaca que homens negros inteligentes representam uma ameaça para a sociedade branca capitalista e com isso, os próprios negros não demonstravam sua inteligência para não transmitir uma ameaça para os homens brancos no seu trabalho. A forma de se “esconder” em ambientes predominantemente brancos era um meio dos homens negros se sentirem mais aceitos e serem vistos como “pessoas do bem” e não pessoas perigosas e violentas como eram taxado por muitos. Ambientes esses pertencentes, primeiramente, a homens brancos e mulheres brancas colocando o homem negro como inferior mesmo quando brancos e negros possuíam o mesmo cargo. Se o negro não é visto por eles como um ser intelectual, o racismo e sexism reinam nesses empregos, onde ele pode sofrer piadas e brincadeiras de cunho racista e até mesmo ser sexualizado pelo seu corpo viril como a autora destaca no seguinte trecho:

Hoje, muitos homens negros inteligentes, que têm sido bem-educados, sabem que não devem ser pensadores críticos e eles não tentam ser. Um homem negro, mesmo aquele que é educado, que pensa criticamente, ainda é considerado com desconfiança pelo mainstream cultural. Muitas vezes homens negros educados em empregos bem pagos aprendem a assumir uma atitude de “concordar para estar bem”, para não representar uma ameaça aos seus colegas de trabalho brancos. Um homem negro solteiro, acima de 30 anos, trabalhando em um ambiente predominantemente feminino e branco, estava, muitas vezes, sendo tratado como um objeto sexual. Uma jovem mulher branca escreveu à ele recados na versão dela de Black English¹² dizendo que ela estava “disposta a ser sua vadia”.¹³ Apesar de ciente do sexism racializado no gesto dela, ele sentiu que se não tomasse aquilo como uma mera piada, poderia parecer como um jogador que não trabalha em equipe ou alguém que não sabe lidar com as diferenças em um grupo. Todavia, este homem negro de classe média que nunca tinha falado Black English estava sendo forçado a assumir um lugar [ghetto rap] de negro, o que significava que ele, para seus colegas, era um verdadeiro negro. (HOOKS, Bell, 2004, p. 685)

Hooks acredita que a educação se torna elitista quando se trata de raça e classe social, ou seja, quem já nasce fadado a um ser desprovido de inteligência diante uma sociedade branca capitalista não consegue se manter no sistema educacional. Não somente nos Estados Unidos do século XIX em que grande quantidade de pessoas analfabetas e semianalfabetas são negras e pobres, mas também em vários países esses índices estão presentes até hoje. Nas notícias a seguir isso se torna mais explícito.

O site g1.globo.com publicou na data 21/07/2017 uma notícia que mostra a taxa de analfabetismo no Brasil. O título da matéria era: “Analfabetismo entre pessoas pretas e pardas é mais que o dobro do que entre as brancas, diz IBGE”. A matéria relata que foi realizada uma pesquisa pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o índice de analfabetismo ter diminuído de 8% em 2015 para 7,2% em 2016. Porém nessa taxa dos analfabetos, em grande sua maioria era de pessoas pretas ou pardas:

Além de notar que a taxa é maior entre os mais idosos, a pesquisa também aponta que o número é superior entre as pessoas pretas ou pardas. Se considerados apenas os autodeclarados brancos, a taxa total de analfabetismo é de 4,2%, enquanto entre as que se declaravam pretas ou pardas o índice foi de 9,9%. Em um recorte que considera as pessoas com 60 anos ou mais, o percentual entre os dois grupos é de, respectivamente, 11,7% e 30,7%. De acordo com o IBGE, no Brasil, 51% da população de 25 anos ou mais de idade estavam concentradas nos níveis de instrução até o ensino fundamental completo ou equivalente; 26,3% tinham o ensino médio completo ou equivalente; e 15,3%, o superior completo. Considerando a cor ou raça, as diferenças no nível de instrução se mostraram ainda maiores: enquanto 7,3% das pessoas brancas não tinham instrução, 14,7% das pessoas pretas ou pardas estavam nesse grupo. Situação inversa ocorreu no nível superior completo: 22,2% das pessoas brancas o possuíam, ao passo que entre as pretas ou pardas a proporção era de 8,8%", aponta o relatório do IBGE.

Essa notícia só é um exemplo entre milhares de outros que mostra a diferença entre brancos e negros ao se falar em educação principalmente com base em dados do IBGE. Conectando com as falas de Hooks, é possível analisar uma escolarização elitista e racista que perpetua até mesmo nos dias de hoje. O negro visto na sociedade branca capitalista como um ser desprovido de inteligência, como foi relatado por Hooks, vem-se baseado em um racismo e sexismo existente na nossa sociedade. O racismo teve sua construção diante vários fatores históricos, políticos e sociais e dentre eles a ideologia da natureza.

Para classificar o que seria a ideologia da natureza, Colette Guillaumin (1994) dissera em seu texto “Enquanto tivermos mulheres para nos darem filhos – A respeito da raça e do sexo” a questão da raça (o negro) e sexo (a mulher) sob uma mesma desigualdade. Isso quer dizer que, para Collete, a cor da pele da pessoa ou o sexo dela são caracterizados como fatores físicos diante a sociedade causando discriminação e dominação. Caracterizar os traços físicos de uma pessoa a coloca, diretamente, a um certo grupo e lugar social. E ao serem classificados fisicamente, estão fadados a uma relação

de exploração física, ou seja, a sua dominação. A autora mostra que em relação aos negros essa dominação se dá devido a escravidão, seu trabalho braçal e físico para satisfazer as vontades dos homens brancos e, em relação as mulheres, devido ao fato delas terem potencial de se reproduzir, criar filhos, serem donas de casa e assim também, satisfazer as vontades dos homens. Colette deixa explícito que a dominação física do trabalho árduo dos negros tem sua base em contextos históricos, ou seja, a escravidão. E a dominação das mulheres estaria vinculada socialmente por um laço de relações sociais que ela possui com o homem que o faz ser o dominante devido seus traços físicos serem concebidos a tais tarefas de inferioridade (ser considerada apenas para se reproduzir, cuidar da casa, etc).

A ideologia da natureza seria, portanto, a ideia de que raças não brancas (foco agora na questão de raça que me interessa nesse trabalho) seriam prejulgadas a uma inferioridade devido a sua cor de pele. Coloca como se fosse da natureza dos negros serem “incivilizados”, “poucos inteligentes”, “bestiais”, veiculando a ideia de que eles são animais e não humanos, como já foi discutido pela Hooks nas páginas anteriores. Essa opressão pode ser vista nos dias atuais através de relatos de racismo que pessoas não-brancas sofrem e na mídia, ou seja, matérias e noticiários televisivos e on-line.

A primeira reportagem que apresento nesta discussão foi publicada pelo site g1.globo.com no dia 27/03/2018 com a seguinte manchete “Cliente negro é chamado de ‘macaco’ no pedido de lanche; rede de fastfood diz que ele é ex-funcionário”. A reportagem relata o caso de racismo contra David Reginaldo de Paula Silva em um estabelecimento de fastfood famoso na cidade de São Paulo. O jovem negro de 24 anos foi até o local comprar um lanche e para realizar a compra é necessário repassar seus dados no caixa como o CPF e o nome. Esses dados são para registrar na nota fiscal e com isso ter controle dos pedidos dos clientes. Ao realizar seu pedido e informar seu nome para o funcionário do caixa, David foi surpreendido. Na nota fiscal seu nome estava registrado como ‘macaco’.

Figura 3 – Print da manchete da notícia: ‘Cliente é chamado de ‘macaco’ no pedido de lanche: rede fast-food diz que ele é ex-funcionário’

Fonte: Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/cliente-negro-e-chamado-de-macaco-em-pedido-de-rede-de-fast-food-de-sp.ghtml>

No primeiro momento David não teve reação à discriminação e guardou a nota fiscal com o nome de ‘macaco’ no bolso e depois de alguns dias foi até a delegacia fazer o boletim de ocorrência. “Aí liguei para meu pai e ele falou para guardar papel. Não fiz escândalo, não questionei o atendente e também não peguei sua identificação. Cheguei a comer dois pedaços e perdi o apetite. Depois fui para casa”, afirmou.

Figura 4 – Foto retirada da notícia: ‘Cliente é chamado de ‘macaco’ no pedido de lanche: rede fast-food diz que ele é ex-funcionário’



Foto mostra Burger King onde estudante David Silva foi identificado como ‘macaco’ em cupom fiscal no pedido de seu lanche — Foto: Reprodução/Google Maps/Arquivo pessoal/Redes sociais

Fonte: Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/cliente-negro-e-chamado-de-macaco-em-pedido-de-rede-de-fast-food-de-sp.ghtml>

Depois do ocorrido, David relatou sua indignação em suas redes sociais: “O preconceito racial é uma ‘doença’ que deve ser eliminada da sociedade brasileira. É inadmissível que em pleno século XXI, em 2018, ainda possa acontecer esse tipo de atitude racista”, postou David nas redes sociais. Ele usa o nome David Zambelli Jr (chocolate) em seu Facebook”. Após a sua publicação, o caso teve tanta repercussão nas redes sociais que, o estabelecimento onde David sofreu o ataque racista, publicou a seguinte nota repudiando o preconceito ocorrido pelo jovem negro: “O BK Brasil reitera que abomina qualquer ato de discriminação racial, de gênero, classe social ou qualquer outro tipo. Somos uma empresa que preza pela diversidade. Nossa propósitos é fazer com que todos se sintam bem-vindos quando entram em qualquer um de nossos restaurantes. Tomamos conhecimento do ocorrido em nosso restaurante em São Paulo e estamos levando o caso muito a sério”

A segunda reportagem que apresento é referente o caso famoso do jogador de futebol que marcou os noticiários no ano de 2014 e a cena do futebol brasileiro. A matéria tinha o seguinte título: “Aranha é chamado de ‘macaco’ por torcida do Grêmio” e foi publicada pelo site da espn.com.br na data 28/08/2014. Mario Lúcio Duarte Costa, conhecido como Aranha no meio futebolístico e goleiro do Santos Futebol Clube, sofreu agressões verbais racistas por torcedores do time rival, o Grêmio. Seu time, Santos, estava ganhando do seu adversário e torcedores do Grêmio revoltados com o resultado, começaram a gritar chamando-o de ‘macaco’ e imitando fazendo som do animal. O goleiro se sentiu extremamente ofendido e no mesmo instante manifestou indignação pedindo para alguém tomar providências. “"O fato de ter uma campanha contra o racismo no telão da outra vez não é à toa. A torcida xingar e pegar no pé é normal. Mas daí começaram a falar ‘preto fedido’, ‘cambada de preto’, fiquei nervoso, mas fiquei me segurando. Fizeram rápido e pouco um coro de macaco, para não dar tempo de pegar. Pedi para o câmera virar e mostrar, mas ele não fez isso. Fico p.. com essas coisas acontecerem aqui. Mas isso dói, dói. Não é possível. Vem falar que eu estava insultando a torcida, virei e falei que eu era preto sim, negão", afirmou o goleiro a torcida, virei e falei que eu era preto sim, negão", afirmou o goleiro

Figura 5 – Jogador Aranha sendo xingado por torcedores rivais



Fonte: Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/cliente-negro-e-chamado-de-macaco-em-pedido-de-rede-de-fast-food-de-sp.ghtml>

Dentre os torcedores que gritavam as ofensas racistas relatadas por Aranha, a câmera que transmite os jogos no estádio de futebol conseguiu capturar uma torcedora branca xingando o goleiro de ‘macaco’ várias vezes. Era possível ver a intensidade que a garota gritava em direção ao atleta Aranha. Não só ela, mas a câmera também capturou outros torcedores repetindo o ato racista, porém a imagem feroz da garota branca acabou sendo marcada pelo ódio racista que aconteceu naquele dia. Esse caso de racismo marcou as imprensa jornalísticas naquele ano.

Figura 6 – Torcedora gritando a palavra macaco para Aranha



Fonte: Disponível em <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/08/torcedora-e-afastada-do-trabalho-no-rs-apos-ofensas-racistas-jogador.html>

Figura 7 – Torcedora gritando a palavra macaco para Aranha



Foto: Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/08/torcedora-e-afastada-do-trabalho-no-rs-apos-ofensas-racistas-jogador.html>

As duas reportagens que apresentei nas páginas anteriores relatam o racismo de forma agressiva e direta contra os negros. Tanto a primeira quanto a segunda mostram a

denominação ‘macaco’ como forma de xingamento a fim de menosprezar os negros e coloca-los na categoria de animais. De acordo com o dicionário macaco tem seu significado: “Substantivo masculino. Nome comum aos mamíferos primatas, pertencentes à subordem dos símios, que se alimentam de frutas e de sementes. [Figurado] aquele que imita as ações dos outros; imitador. Adjetivo: Repleto de sagacidade, astúcia; fino, sagaz, astucioso. [Pejorativo] que é muito feio, de aspecto e formas desproporcionais”.

Com essa denominação é possível perceber a opressão que essa palavra significa para uma pessoa negra. A ideologia da natureza que retrata a ideia de a raça-não-branca ser concebida como uma raça de pessoas “incivilizadas”, “poucas inteligentes”, “sem mente”, pode-se contribuir com o fato da sociedade associar o animal macaco com as pessoas negras. O macaco como a definição que traz no dicionário sendo mamíferos inferiores, imitadores e desproporcionais, seria, pela sociedade branca patriarcal, a classificação ideal para representar os negros. Como Hooks descreveu, um dos principais motivos da falta de escolarização de crianças negras é devido ao fato da pré noção que a sociedade branca se tem de os negros serem vistos por eles como uma raça “não concebível de receber conhecimentos” e “seres não-pensantes”, o macaco, animal, imitador, feio, não-evoluído por completo, estaria na mesma categoria do que uma pessoa negra.

O racismo explícito em sua forma de violência verbal, está enraizado na nossa sociedade principalmente no Brasil. Com as duas reportagens que relatei nas páginas anteriores, é perceptível como o racismo ainda existe no século XXI perpetuando em vários campos da sociedade. Não só o racismo explícito que ganha destaque nas manchetes brasileiras, mas também um racismo ‘invisível’ que pode ser classificado como racismo institucional como o artigo “Racismo Institucional uma abordagem conceitual” publicado pela ONU mulheres em parceria com a Geledés – Instituto da mulher, relata em suas páginas. O racismo institucional, de acordo com as autoras que escreveram o artigo, pode ser classificado como uma exclusão dos não-brancos na nossa sociedade colocando-os em grupos subordinados, ou seja, o branco pertencente a uma estrutura social diferente da do negro e essa diferenciação acontece devido ao racismo. Ele atua com a finalidade de estimular o Estado e as instituições privadas reproduzem a hierarquia racial.

A hierarquia racial que o racismo institucional reproduz pode ser vista em noticiários assim como a ideologia da natureza é vista nas reportagens que relatei nesse capítulo. Para comparar o racismo institucional com um veículo jornalístico, trago para a discussão deste trabalho duas reportagens: a primeira com o seguinte título “Polícia de MS encontra mais droga em carro de filho de desembargadora” publicada pelo site uol.com.br na data 09 de março de 2018. A matéria relata a prisão de Breno Fernando Solon Borges, homem branco hétero e filho da ex-presidente do TER-MS (Tribunal Regional Eleitoral de Mato Grosso do Sul), a desembargadora Tânia Garcia de Freitas Borges, preso por tráfico de drogas e armas. De acordo com a matéria, quase um ano depois do seu carro ser apreendido pela polícia, foi encontrado 9kg de maconha no para-choques. Em novembro de 2017 ele foi preso em uma clínica de reabilitação na cidade de Atibaia em São Paulo e, de acordo com a matéria, ele estaria ajudando em uma suposta fuga de um líder de uma organização criminosa da cadeia.

Já a segunda matéria “Traficante da Asa Sul é preso pela PCDF com droga escondida na cueca” publicada pelo site metrópoles.com na data 28/09/2018, relata o caso de um rapaz negro de 26 anos chamado Felipe Cezario Nascimento Santos Nunes sendo preso por portar 39 porções de crack na cueca. Na matéria além de relatar o caso, é publicado um vídeo onde mostra o rapaz compartilhando a droga com outra pessoa, ou seja, além de ser pego em flagrante, o rapaz negro é filmado para comprovar que ele estava comercializando o produto.

Ao comparar as duas reportagens, é possível analisar o racismo institucional operando nessa esfera. Enquanto um homem branco é preso por portar drogas em seu carro de luxo, um homem negro é preso por portar drogas na cueca. Felipe Cezario foi preso por tráfico e associação para o tráfico e Breno Fernando foi preso na sua clínica de reabilitação. Os dois casos envolvem o comércio de drogas mas em contextos diferentes e elitistas. No caso de Breno após três meses preso conseguiu sair da cadeia pois, devido ao desembargador Ruy Celso Florence do TJ-MS (Tribunal de Justiça do Mato Grosso do Sul), e amigo de sua mãe ter alegado que ele precisava de tratamento psicológico. Logo após essa decisão do desembargador, Breno esteve entre idas e vindas na cadeia como é retrata a seguir na matéria:

“Três dias depois, no entanto, o desembargador plantonista José Ale Ahmud Netto deferiu, durante a madrugada, um habeas corpus mantendo a ida do empresário para uma clínica médica. No dia 24 de julho, os desembargadores da Câmara Criminal homologaram

definitivamente a decisão de Ahmad Neto. Naquela ocasião, o advogado Gustavo Gottardi, disse à Folha que a decisão do TJ-MS não tinha nada de extraordinário, sendo coerente, baseado no artigo 319 do Código de Processo Penal, que prevê internação compulsória se a perícia concluir pela inimputabilidade ou semi-inimputabilidade. “Não houve privilegio” afirmou. Em agosto, o CNJ (Conselho Nacional de Justiça) abriu procedimentos contra Florence e Ahmad Netto para investigar as decisões favoráveis ao empresário. No entanto, o ministro corregedor João Otávio Noronha arquivou ambas as apurações: no caso de Florence, entendeu que ele cumpriu com as atribuições; no de Ahmad Netto, entendeu que a decisão não foi suficiente para caracterizar desvio de conduta. Há também uma reclamação disciplinar em curso contra Tânia, que tramita em segredo de justiça e que está em fase de defesa prévia. Segundo o CNJ, ela é investigada por supostas violações à Lei Orgânica da Magistratura durante os desdobramentos que levaram à concessão de habeas corpus ao seu filho.” Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/policia-de-ms-encontra-mais-droga-em-carro-de-filho-de-desembargadora.shtml>

Breno, portanto, não só teve seus privilégios por pertencer a uma classe social mais alta e ser filho da desembargadora Tânia, mas também pela cor de sua pele. O título da matéria “Polícia de MS encontra mais droga em carro de filho de desembargadora” retrata a sua posição elitista na sociedade ao ser classificado como “filho de desembargadora” enquanto no título da matéria “Traficante da Asa Sul é preso pela PCDF com droga escondida na cueca”, Felipe, um rapaz negro, é classificado como “traficante”. Mesmo nos dois casos, ambos foram presos pelo mesmo fato, porém classificados e punidos de formas diferentes.

O racismo institucional de acordo com o artigo da ONU mulheres, como retratei nas páginas anteriores, induz ao Estado e instituições privadas a produzirem uma hierarquia racial, ou seja, ao compararmos as duas reportagens acima é possível notar que o rapaz branco está sendo mais privilegiado em questões políticas do que o homem negro. Questões políticas essas comandadas por autoridades que beneficiaram a punição do homem branco, enquanto para o negro se foi taxado, exposto como traficante, como se ele fosse perigoso para nossa sociedade como vimos nas palavras de Hooks.

No texto “Falomaquia: homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do ocidente” Rolf Malungo de Souza (2013) destaca uma frase do ex-governador do Rio de Janeiro sobre a questão dos negros serem vistos como perigosos perante a sociedade: “Você pega o número de filhos por mãe na Lagoa Rodrigo de Freitas, Tijuca, Méier e Copacabana, é padrão sueco. Agora, pega na Rocinha. É padrão Zâmbia, Gabão. Isso é uma fábrica de produzir marginal”. Com essa frase do

ex-governador pode-se analisar que o Estado, através do racismo institucional, classifica o negro como um ser perigoso antes mesmo de nascer. Como se já fosse preconcebido a ele, através da ideologia da natureza, ser violento e ser um problema para a sociedade.

Angela Davis em seu livro “Raça, classe e gênero” retrata essa questão do negro ser classificado pela sociedade como um ser violento/perigoso. Essa pre-noção em relação aos negros, de acordo com a autora, pode ser entendido pelo mito do estuprador. Isso quer dizer que, nos Estados Unidos nos anos 1976, o grande número de estupros estava aumentando e, através de pesquisas não tão exatas, colocava-se o negro como o protagonista dessas agressões contra as mulheres. Angela Davis, retrata que pesquisas feitas por ativistas contra o estupro, possuíam características racistas colocando cada vez mais o negro como um mostro para a sociedade e como se ele fosse um perigo:

“É uma dolorosa ironia que algumas teóricas antiestupro que ignoram o papel instigador desempenhado pelo racismo não hesitem em argumentar que os homens de minorias étnicas são especialmente propensos a cometer violência sexual contra mulheres. Em seu impressionante estudo sobre estupro, Susan Brownmiller alega que a opressão histórica dos homens negros afastou deles muitas das manifestações “legítimas” da supremacia masculina. Como consequência, eles têm de recorrer a atos de violência sexual explícita. Em seu retrato da “população dos guetos”, Brownmiller insiste que “as salas de jantar dos executivos de grandes empresas e as escaladas do monte Everest não são geralmente acessíveis àqueles que formam a subcultura da violência. O acesso ao corpo feminino – pela força – está ao seu alcance”. (DAVIS, Angela, p.176)

É possível notar que o negro, ao ser classificado como um ser desprovido de inteligência e dotado de força física como foi retratado por Hooks, alimenta essa ideia do mito estuprador que está carregado de racismo. Esse mito faz com que os linchamentos de homens negros fossem considerados legítimos, ou seja, como se existe uma cultura do negro agressivo e estuprador, mata-los seria uma solução. Angela Davis também retrata que esse mito prejudica os homens negros e também as mulheres brancas já que como se cria a cultura do estupro, homens brancos apropriam dessa cultura racista para legitimar seus abusos contra as mulheres brancas e negras.

Neste capítulo procurei discutir sobre a ideologia da natureza e o racismo institucional a partir de alguns eixos de análise como as reportagens. O fato do negro ser considerado perante a sociedade branca como mais corpo do que mente, é baseado na cultura da ideologia da natureza e do racismo que está inserido na sociedade como um

todo. Ao analisar esses fatores, foi possível enxergar a opressão que o negro sofre e como a hierarquia racial alimenta esse problema social.

Com essa discussão pode-se analisar que a sua opressão está relacionada com o processo de hiperssexualização na pornografia gay que retratei no segundo capítulo deste trabalho. O negro ser representado socialmente, em especial nas manchetes jornalísticas, como um ser agressivo, bandido, fadado a marginalidade, está relacionado com a masculinidade hegemônica. A falsa superioridade dos negros hiperssexualizados (ativos, dominantes) é, na verdade, alimento para sua opressão. Representando o gay negro na pornografia gay como mais corpo do que mente, ou seja, como objeto devido ao seu órgão sexual ‘monstruoso’ como foi analisado nas HQs.

5. Conclusão

O seguinte trabalho propôs dialogar com várias vertentes e contextos sociais da sociedade procurando manter seu foco na hiperssexualização do corpo negro e na sua representação social. Como foi possível analisar que o racismo e sexism (HOOKS, 2004) foram fatores predominantes na hierarquia social (HOOKS, 2004), ou seja, colocando os negros como inferiores e os brancos como superiores. O negro objetificado pelo seu corpo viril e pênis grande pode ser visto, aos olhos da sociedade, como privilegio em ser desejado e apreciado pelos seus corpos, porém, essa ‘superioridade’ é fálica (ZAGO, 2009). Isso quer dizer que o negro ao ser desejado dessa forma, a sociedade o categoriza como apenas corpo. Como se o negro fosse essencial apenas para prazeres sexuais e não para se conviver em sociedade. O racismo institucional (ONU, Mulheres), como foi descrito neste trabalho, mostra como a imagem das pessoas não-brancas são de seres desprovidos de inteligência, violentas, criminosas e fadadas a trabalhos físicos.

A sociedade ao alimentar e contribuir com o racismo, ajuda a marginalizar os corpos negros (DAVIS, 2016). Se o indivíduo da pele preta é concebido como ser apto a marginalização e terem seus corpos designados como grandes, fortes e resistentes, isto faz com que o negro seja representado na sociedade como um objeto. Mais corpo do que mente. Essa noção acaba sendo apropriada pelas mídias colocando ele como ‘bandido’, ‘perigoso’ e ‘irracional’, e pela indústria pornográfica como corpo ‘viril’, pênis ‘monstruoso’ e apenas ‘ativo’ quando se trata de relações homo afetivas. Portanto, diante os exemplos de racismo e ideologia da natureza que foi representado pelas reportagens, se faz jus, de acordo com a sociedade branca, que o negro seja visto como ‘depravado’ e que não se consiga encaixar na nossa sociedade a não ser pelo seu porte físico resistente, e suas habilidades em ser violento como a ideologia da natureza propõe.

Não tão distante assim, essa análise da representação do negro no século XXI de acordo com a sua hiperssexualização e seu racismo, a era escravocrata que foi retratada no primeiro capítulo seria a base para toda pesquisa. Se o negro, hoje, é objetificado sexualmente e representado como animal, a escravidão no brasil ajudou a construir essa imagem e perpetua durante anos a ideologia da natureza (COLETTE, 1994) como justificativa de tais preconceitos. Minha pesquisa, portanto, propôs mostrar a hiperssexualização do corpo negro que acontece devido a ideologia da natureza colocando o negro como indivíduo sem mente, ao racismo que lhe causa uma hierarquia

social e a era escravocrata que objetifica seus corpos satisfazendo os prazeres dos homens brancos, tudo isto contribuindo para a sua própria opressão.

6. Bibliografia

- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe.** São Paulo: Boitempo, 2016. 237 p. Heci Regina Candiani.
- FREYRE, Gilberto. Casa-Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. ed. São Paulo: Global Editora, 2003. 768 p
- GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro.** 3. ed. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1982. 114 p.
- GUILLAUMIN, Colette. “**Enquanto Tivermos Mulheres Para Nos Darem Filhos” A Respeito da Raça e do Sexo**”. Estudos Feministas 228 – 233.
- HOOKS, Bell. **Escolarizando Homens Negros.** Estudos Feministas, Florianópolis, 23 (3): 406, Setembro - Dezembro. 2015.
- JEFFREYS, Sheila. **Unpacking Queer Politics.** Cambridge Malden, Massachusetts: Polity Press In Association With Blackwell Pub, 2003. 179 p. Tradução Maria da Silva
- MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro.** São Paulo: Africa S.a., 1988. 248 p.
- PÁTARO, Carolina Ribeiro. **TCHAU TCHAU VELHO PORNOZÃO?:** A pornografia feminista de Erika Lust como narrativa reflexiva da sexualidade. 2014. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014
- PINHO, Osmundo de Araújo. O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação. Cad. Pagu [online]. 2004, n.23, pp.89-119
- PINHO, Osmundo. **Race Fucker: representações raciais na pornografia gay.** 2016. Cadernus Pagu (38), 159-195
- QUERINO, C., Ana *et al.* **Racismo Institucional Uma Abordagem Conceitual.**
- SOUZA, Henrique Restier da Costa. **LÁ VEM O NEGÃO: DISCURSOS E ESTEREÓTIPOS SEXUAIS SOBRE OS HOMENS NEGROS.** **13º Mundo de Mulheres & Fazendo Gênero 11**, Florianópolis, p.1-12, 2017.

SOUZA, Malungo, Rolf. **Falomaquia: Homens Negros e Brancos e a Luta Pelo Prestigio da Masculinidade em uma Sociedade do Ocidente.** Antro-politica, Niteroi, nº34, 35 – 52. 2013.

ZAGO, Luiz Felipe. **Masculinidades disponíveis.com:** Sobre como dizer-se homem gay na internet. 2009. 227 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Cap. 4.

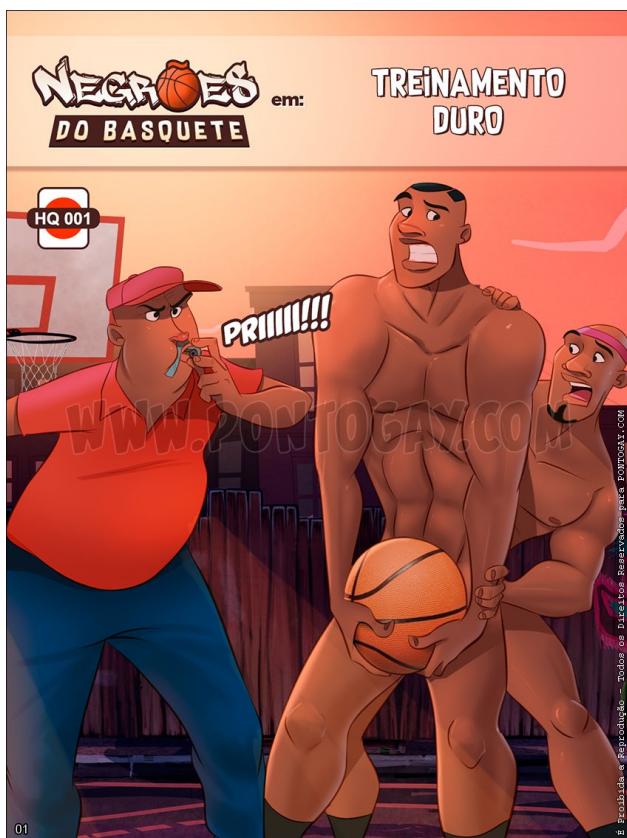
WWW.PONTOGAY.COM

ANEXOS

ANEXO 1 – Imagem da história em quadrinho do site ponto gay

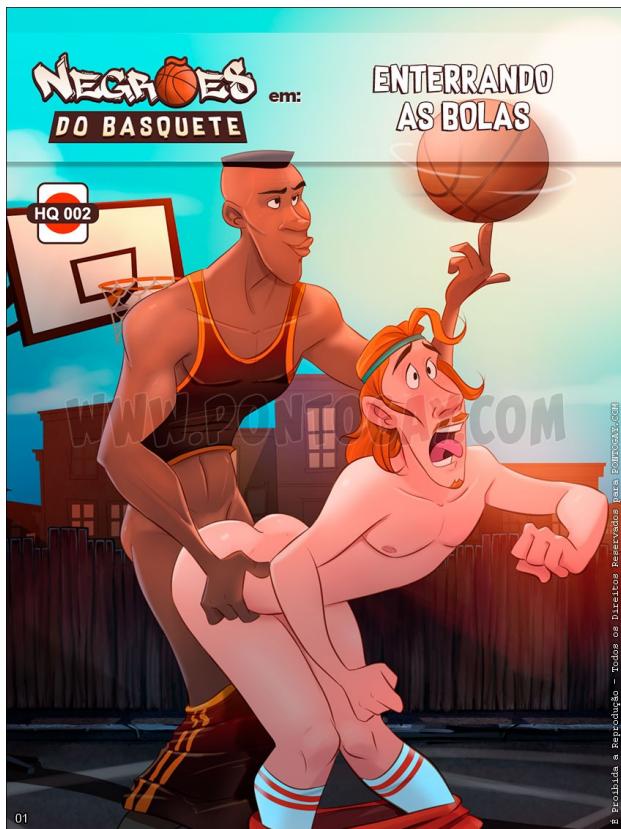


ANEXO II – Manchete da história em quadrinho: ‘Negrões no Basquete em treinamento duro’ e algumas falas





ANEXO III - Manchete da história em quadrinho: ‘Negrões no Basquete em: Enterrando as bolas’ e algumas falas





ANEXO IV - Manchete da história em quadrinho: ‘Negrões no Basquete em: Enterrando as bolas’ e algumas falas

